



Antonio Hohlfeldt

# Teatro

a\_hohlfeldt@yahoo.com.br

## Relendo Jorge Andrade

A dramaturgia brasileira - que, ao contrário do que muitos podem pensar, não é nada pobre, se considerarmos todo o ciclo produzido a partir dos anos 1960, com Boal, Guarnieri e Vianinha (e, depois, com Chico Buarque, excelente dramaturgo, com um caminho muito pessoal em sua criação, e Naum Alves de Souza, por exemplo) - tem em duas revelações da primeira metade do século XX, Nelson Rodrigues e Jorge Andrade, seus dois maiores dramaturgos. A complexidade da obra de cada um deles coloca-os ao lado daqueles outros poucos que, em cada país, foram capazes de inscrever seus nomes na ribalta do teatro, como, no caso dos EUA, Arthur Miller, Eugene O'Neill ou Tennessee Williams. No caso brasileiro, isso é mais notável pela evidente falta de apoio ao desenvolvimento artístico, em especial no que se refere ao teatro, cujas realizações, por mais simples que sejam, sempre custam um bom dinheiro (uma das armas, aliás, usadas pela ditadura pós-1964, como ocorreu com *Calabar*, que levou à falência Fernando Torres, marido de Fernanda Montenegro, ao ser proibido um dia antes de sua estreia).

Tenho enorme admiração por Nelson Rodrigues, um portentoso pioneiro, o dramaturgo que melhor soube compreender, até hoje, as idiossincrasias do ser brasileiro, abordando diferentes aspectos dos arquétipos nacionais. Mas, do ponto de vista da densidade, a criação consciente, penosa, filosófica e politicamente colocada, sem dúvida alguma a dramaturgia de Jorge Andrade lhe supera. Jorge Andrade propôs-se a fazer - e concretizou - um projeto que nenhum dramaturgo, em país algum do mundo, alcançou realizar: uma síntese da história do País através de uma série de peças teatrais. No romance, temos gente como o norte-americano John dos Passos, que cobriu cerca de dois séculos da história de seus país com uma trilogia admirável. Erico Verissimo, no Brasil, fez o mesmo, em relação ao Rio Grande do Sul, em particular. Mas ninguém, à exceção de Jorge An-

drade, realizou esta façanha na dramaturgia. Jorge Andrade, com o conjunto das dez peças de teatro reunidas sob o título geral de *Marta, a árvore e o relógio*, alcançou este desafio. Honoré de Balzac organizou sua inigualável *Comédia humana* depois que já tinha escrito boa parte dos romances, novelas e contos que a compõem. O mesmo ocorreu com Jorge Andrade, que, depois de já ter estreado alguns de seus textos, reescreveu-os e reorganizou-os de maneira que formassem uma coleção capaz de traduzir os processos de formação da identidade brasileira, a partir de suas duas raízes, a mineira e a paulista, contando com a contribuição dos imigrantes portugueses, italianos, os escravos africanos e os nativos indígenas.

O diretor gaúcho de teatro Antonio Gilberto, hoje radicado no Rio de Janeiro, além de espetáculos marcantes como *A primeira valsa*, *Yerma* e *Maria Stuart*, além de ter sido diretor do Centro de Artes Cênicas da Funarte, lecionando hoje na Casa das Artes das Laranjeiras, publicou, no ano passado, o livro intitulado *O rasto atrás de Jorge Andrade*, em que, a partir de seus estudos acadêmicos de mestrado e de doutorado, analisa cuidadosamente a obra dramática de Andrade, tendo como cerne a peça *Rasto atrás*, talvez a mais fortemente autobiográfica de todas. O livro, publicado pela Mauad, do Rio de Janeiro, tem mais de 300 páginas e é um trabalho exaustivo de pesquisa e reflexão crítica. Se Jorge Andrade podia se queixar de ser pouco encenado (suas obras possuem muitos personagens e são tecnicamente complexas, o que as encarecem), não pode dizer que não é estudado (e bem estudado, diga-se de passagem).

O texto de Gilberto nem é tão longo, pouco mais de uma centena de páginas, mas os anexos e apêndices são uma preciosidade. Antonio Gilberto reuniu, num único lugar, todo aquele material disperso produzido em torno do dramaturgo paulista. Por isso, desde seu lançamento, *O rasto atrás de Jorge Andrade* se tornou um livro obrigatório para quem queira conhecer a dramaturgia brasileira moderna.

*Jorge Andrade fez o que nenhum dramaturgo, em país algum do mundo, alcançou: uma síntese da história do Brasil através do teatro*

RAUL KREBS/DIVULGAÇÃO/JC



Músico e compositor é um dos nomes fundamentais da música urbana do Rio Grande do Sul

## Empresa paulista adquire catálogo de Frank Jorge

Empresa baseada em São Paulo, a Nas Nuvens Music Group (NNMG) oficializou a aquisição do catálogo editorial e fonográfico de Frank Jorge, um dos principais nomes do rock gaúcho. A negociação coloca sob gestão da companhia uma obra que ajudou a consolidar a identidade da música produzida no Rio Grande do Sul.

Fundador da Grafórreia Xilarmônica e ex-integrante dos Cascavelletes, Frank Jorge construiu uma trajetória marcada pela mistura entre referências da Jovem Guarda, do pop britânico e da cena musical porto-alegrense. Incluso na obra está *Amigo Punk*, canção considerada uma das mais emblemáticas do rock gaúcho e uma das mais regravadas na produção musical sulista.

Fundada em 2021 pelos sócios-diretores Liminha, Ricardo Queirós, Jason Eliassen e Gabriel Sacardo, Nas Nuvens Music

Group administra hoje mais de 80 catálogos musicais, incluindo artistas como Gilberto Gil, Charlie Brown Jr e Arlindo Cruz, e mantém parceria com a empresa dos EUA Primary Wave, que administra a obra de Bob Marley, Prince e Whitney Houston.

A operação faz parte da estratégia de ampliar a atuação do grupo na Região Sul e fortalecer a presença de catálogos históricos em novos mercados, acompanhando uma tendência observada no mercado musical internacional nos últimos anos, marcada pela compra e venda de catálogos de artistas consagrados. Negociações envolvendo nomes como Bob Dylan, Bruce Springsteen e Neil Young transformaram esses ativos em um segmento estratégico da economia criativa, impulsionado pelo crescimento do *streaming* e pela demanda por licenciamentos para produções audiovisuais.

## Banana exposta como obra de arte é furtada de museu francês

O museu Centre Pompidou-Metz, na França, abriu um boletim de ocorrência depois que a obra *Comedian*, do italiano Maurizio Cattelan, foi furtada. O trabalho consiste em uma banana presa na parede com uma fita isolante.

Em um comunicado, a instituição condenou o furto, afirmando que esse ato compromete o respeito às obras e priva temporariamente os visitantes de parte da experiência proporcionada pela exposição.

O trabalho de Cattelan tem como objetivo questionar a noção de arte e o valor das obras artísticas. Por esse motivo, tem gerado controvérsia desde que foi apresentado pela primeira vez na feira Art Ba-

sel, em 2019. À época, o trabalho foi posto à venda por US\$ 120 mil.

Essa, aliás, não foi a primeira vez que a obra sofreu reverses. Em julho do ano passado, por exemplo, um visitante comeu a fruta, de modo que a instituição precisou substituí-la.

À época, Cattelan disse que ficou decepcionado porque o visitante havia consumido apenas a banana, e não a fita adesiva também.

Quem também devorou a fruta foi Justin Sun. Em 2024, o empresário chinês decidiu comer uma versão da obra após arrematá-la por US\$ 5,2 milhões, cerca de R\$ 31 milhões, em valores atuais.